

UM CERTO MENINO AZUL: O POEMA, AS ILUSTRAÇÕES, A SALA DE AULA

A CERTAIN BLUE BOY: THE POEM, THE ILLUSTRATIONS, THE CLASSROOM

Marcela LIRA*

<https://orcid.org/0000-0002-0254-0073>

José Hélder Pinheiro ALVES**

<https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>

Raquel Sousa da SILVA***

<https://orcid.org/0009-0000-3618-0689>

Resumo: São diversos os caminhos para o trabalho com o poema no contexto escolar. No âmbito do ensino básico, inúmeras pesquisas concordam que uma abordagem que privilegia o diálogo entre texto e leitor pode favorecer descobertas as mais significativas. Quando o poema se apresenta no formato de livro ilustrado, deve haver, ainda, um olhar atento para as imagens, buscando-se observar o seu entrelaçamento com o texto escrito e de que modo as duas linguagens trabalham em conjunto para a construção de sentido da obra. Esta abordagem multimodal enriquece a experiência de leitura, estimulando a percepção visual e a capacidade de integrar diferentes formas de expressão artística. Neste artigo, apresentamos uma leitura do poema “O menino azul”, de Cecília Meireles, explorando suas nuances literárias e visuais. Além disso, propomos caminhos para uma abordagem da obra em sala de aula, visando engajar os estudantes de forma criativa e reflexiva. Fundamentamo-nos na estratégia de leitura denominada “conexão” (Giroto; Souza, 2010); no trabalho com jogo dramático partindo do poema, proposto por Pinheiro (2018). A fim de abordar as diferentes relações imagem-texto presentes na obra, valemo-nos das pesquisas de Azevedo (1991), de Camargo (1991) e de Nikolajeva e Scott (2011).

Palavras-chave: Poesia Infantil; Ilustração de Poemas; Ensino de Poesia; Cecília Meireles.

Abstract: There are several ways to work with poems in the school environment. In the context of basic education, numerous studies agree that an approach that favors dialogue between text and reader can promote the most significant discoveries. When the poem is presented in the format of a picturebook, there must also be a careful look at the images, seeking to observe their intertwining with the written text and how the two languages work together to construct the meaning of the work. This multimodal approach enriches the reading experience, stimulating visual perception and the ability to integrate different forms of artistic expression. In this article, we present a reading of the poem “O Menino Azul”, by Cecília Meireles, exploring its literary and visual nuances. Furthermore, we propose ways to approach the work in the classroom, engaging students in a creative and reflective way. We are based on the reading strategy referred to as “connection” (Giroto; Souza, 2010). In working with a dramatic game based on the poem, proposed by Pinheiro (2018). To address the different image-text relationships present in the work, we draw on research by Azevedo (1991), Camargo (1991) and Nikolajeva and Scott (2011).

Keywords: Children’s Poetry; Poetry Illustration; Poetry Teaching; Cecília Meireles.

* Doutora em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. marceladearaujolira@gmail.com.

** Doutor em Letras – Literatura (USP). Professor da Universidade Federal de Campina Grande. helder.pinalves@gmail.com.

*** Mestre em Educação pela UNESP – Presidente Prudente. raquelsousadasilva02@gmail.com

Introdução

Quando o assunto é formação de leitores e poesia, compreendemos que mediar a recepção leitora diante de textos poéticos requer não somente a seleção de poemas esteticamente válidos, mas também o entendimento de que a experiência leitora acontece antes, durante e após a leitura. Consideramos, portanto, que todo leitor tem um repertório sociocultural que pode influenciar suas percepções diante de um texto poético. Para aprofundar um pouco tal percepção, selecionamos o poema “O menino azul”, de Cecília Meireles (2012), que faz parte do livro *Ou isto ou aquilo*, originalmente lançado em 1964. Em 2004, o poema foi publicado em formato de livro, com ilustrações de Lúcia Hiratsuka; em 2013, foi relançado, também como livro, dessa vez ilustrado por Elma. Aqui, serão abordadas a edição de 2012 de *Ou isto ou aquilo*, ilustrada por Odilon Moraes, e a edição de 2013 de *O menino azul*, com ilustrações de Elma. Em três seções, discorreremos sobre o poema e algumas possíveis perspectivas interpretativas que ele nos desperta, bem como, sobre as ilustrações que compõe o livro. Em seguida, traremos sugestões para sua abordagem em sala de aula.

A fim de pensar a dimensão estética do poema, voltamo-nos, sobretudo, para a construção do desejo do eu-lírico, a partir de reflexões de Bordini (1991) sobre a poesia infantil. A respeito das imagens nos livros ilustrados, norteamo-nos de acordo com as contribuições de Camargo (1991), Azevedo (1991) e Nikolajeva e Scott (2011). Sobre a metodologia de ensino no momento da prática leitora, fizemos um recorte da conexão – uma das estratégias leitoras discutidas por Giroto e Souza (2010).

A lírica cecilianiana é repleta de elementos que fazem parte do universo infantil – como as brincadeiras com as palavras, a musicalidade dos versos, o retrato de uma infância a partir da visão infantil. Nessa esteira, Nelly Novaes Coelho, ao discorrer sobre o *Ou isto ou aquilo*, afirma que “essa coletânea de poemas infantis registra em nível lúdico a mesma densidade humana presente em toda a sua poesia” (Coelho, 2006, p. 159). Além do mais, a estudiosa ressalta que os poemas do livro em questão

[t]êm o poder de agradar igualmente à gente miúda e aos adultos. Qualquer um dos minipoemas recolhidos em *Ou isto ou aquilo* apresenta textos que cativam a criança, devido às situações significativas que oferecem através de uma brincadeira de sons, dinâmica e colorida. [...] encontramos um modo diferente de ver o mundo e também distintas utilizações do som e do ritmo; [...] a qualidades-chave da literatura infantil em geral: a graça, o pitoresco, a situação breve e objetiva, a interrogação que espicaça a curiosidade, a emoção que leva a uma compreensão melhor do “outro” ou a solidariedade ativa e, principalmente, a invenção de uma palavra especial, diferente da usada normalmente na comunicação do dia-a-dia (Coelho, 2006, p. 159).

A autora compreende a lírica de Cecília como muito próxima de um mundo infantil que merece uma composição literária com valores estéticos exaltados, não mais pautada por um viés tão somente pedagógico. Ela ressalta também os valores da composição poética ao afirmar que, “em função de um fragmento de vida escolhido pela poeta [...] há sempre uma situação breve e significativa a justificar em verdade e beleza o que as palavras/sons dizem” (Coelho, 2006, p. 159).

Situando o poema

“O menino azul” (Quadro 1) é um dos mais de 50 poemas que compõe o livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, obra publicada pela primeira vez em 1964. O apelo à imaginação e à fantasia demanda um deslocamento do leitor que, já pelo título do poema, pode levantar hipóteses sobre a figura do menino. De fato, ao longo do texto, não há nenhuma menção à cor do menino, de modo que o “azul” pode fazer referência aos desejos do eu lírico, ao seu querer, sempre voltado para fora, para o expandir-se, para o explorar o mundo. Antes de nos debruçarmos minimamente sobre a construção do poema e de adentrarmos suas teias semânticas, passemos à leitura:

Quadro 1 – Poema “O Menino Azul”

O MENINO AZUL	
O menino quer um burrinho para passear. um burrinho manso, que não corra nem pule, mas que saiba conversar.	histórias bonitas com pessoas e bichos e com barquinhos no mar.
O menino quer um burrinho que saiba dizer o nome dos rios, das montanhas, das flores, - <u>de</u> tudo o que aparecer.	E os dois sairão pelo mundo que é como um jardim apenas mais largo e talvez mais comprido e que não tenha fim.
O menino quer um burrinho que saiba inventar	(Quem souber de um burrinho desses, pode escrever para a Rua das Casas, Número das Portas, ao Menino Azul que não sabe ler.)

Fonte: Adaptado de Meireles (2012).

O desejo do menino, como em outro poema de Cecília Meireles, do mesmo livro, “A bailarina”¹, ancora-se no verbo “querer”. O poema, portanto, constrói o desejo do menino, que vai sendo qualificado nas três primeiras estrofes, sempre iniciadas pelo verso “O menino quer um burrinho”; e, na quarta estrofe, há o vislumbre da realização desse desejo; em seguida, acontece o retorno a uma espécie de ponto zero na última estrofe. O objeto do desejo, o burrinho, revela toda uma necessidade de convivência, de interação com o mundo exterior, bem como um modo peculiar de empreender o passeio, a viagem de descobertas. Acompanhemos, pois, este percurso.

Na primeira estrofe, é exposto o objetivo da posse: o burrinho é “para/ passear”. Estamos, pois no âmbito da gratuidade, do prazer, da diversão. Logo em seguida, o leitor descobre os demais requisitos do animal: “não corra”, “não pule” – portanto, não ofereça riscos e que também não tenha pressa. É importante destacar que está posto nesta qualificação um ritmo imaginado. A última qualificação (“que saiba conversar”) é diversa das anteriores, pois agrega uma qualidade que, na realidade, os animais não têm. O animismo dá um salto qualificativo, uma vez que não correr, não pular é perfeitamente possível à condição animal, mas conversar, remete à fantasia, à imaginação, ao mundo que é próprio e legítimo de uma criança. Estabelece-se nesta estrofe as coordenadas que vão presidir o desejo do menino pelo animalzinho.

A segunda estrofe amplia os saberes que ele espera do burrinho. É como se o animal fosse o guia do menino em sua viagem. Ele deverá saber “o nome dos rios / das montanhas / das flores” – portanto, ser portador de um saber sobre a natureza, do que já se sabe e mais: “de tudo que aparecer”. Vale pontuar que a presença da natureza é recorrente no livro *Ou isto ou aquilo*.

Mas, para o desejo do menino, não basta saber os nomes dos fenômenos naturais e ir além da conversa: é preciso saber “inventar/ histórias bonitas / com pessoas e bichos / e com barquinhos no mar”. Estamos, nesta terceira estrofe, no reino da literatura oral, da necessidade e da capacidade de invenção, de criatividade, de liberdade de dizer e de ser. Sendo assim, há uma necessidade de ver o mundo e de qualificá-lo, mas também de reinventá-lo pela contação, pela invenção.

A quarta estrofe foi, portanto, preparada pelas anteriores. As habilidades do burrinho permitirão que os dois possam “sair pelo mundo” a viajar. De fato, a viagem da

¹ No poema “A bailarina”, aparece a expressão “quer ser” (“esta menina / tão pequenina / quer ser bailarina), que revela o desejo da criança de realizar um sonho, movida pela fantasia.

fantasia já fora apontada no título do poema e, além do menino, o leitor pode ter mobilizado sua imaginação, revisitado também seus desejos. A viagem é “pelo mundo”, que é comparado a “um jardim”, “apenas mais longo / e talvez mais comprido”. Esse mundo-jardim, abre-se para histórias novas, descobertas de novos nomes, de coisas desconhecidas. A imagem do “mundo” como “um jardim” tem grande relevância tanto neste poema quanto em “Leilão de jardim”, presente também no *Ou isto ou aquilo*.

O espaço do jardim, embora seja território planejado e seguro, torna-se palco para as mais diversas aventuras e devaneios². Esse lugar de natureza domesticada é, portanto, o lugar ideal para a viagem do menino e seu burrinho.

Estamos no âmago de uma concepção de poesia infantil que se libertou do utilitarismo que a presidiu durante muito tempo. Conforme Bordini (1991), uma poesia que é pensada esteticamente deixa a subserviência, exposta pela linguagem, de lado e tenta fazer da experiência uma trilha viável para a apreciação leitora. Para a autora, há características da poesia infantil essenciais para que ela não se torne pragmática, tais como: o ludismo (sem “infantilismo”), o ilogismo (propositalmente pensado), a lógica interna (considerada como a uma aparente falta de lógica, mas também utilizada com objetivos específicos), a incompletude (requerendo participação do leitor) e a possibilidade de ser admirada (sendo, portanto, a admiração um constituinte legítimo ao lirismo). Desse modo, tais características são observadas no poema em análise.

Na última estrofe, construída em modo diverso das anteriores – desta vez entre parênteses –, somos convocados a partilhar da busca do menino, entrando no jogo, ao qual, de fato, como leitor, já estamos inseridos. O *nonsense* desta estrofe é dos mais significativos, uma vez que não há uma determinação geográfica. É como se o poema nos convocasse também a encontrar nosso burrinho. E um detalhe final é da maior importância: o menino azul “não sabe ler”. É como se fôssemos alertados de que, para acessar o mundo da fantasia, a palavra escrita não é imprescindível. Afinal, bem antes da escrita, a imaginação de inúmeras comunidades movia-se pelos caminhos da fantasia.

Pinheiro (2018) lembra que muitos poemas infantis são construídos ao modo de um jogo dramático, em que a capacidade imaginativa se potencializa ao máximo. Poemas como “O menino azul”, “A bailarina”, “Leilão de Jardim”, dentre outros, são exemplares desse procedimento criativo da poetisa. Entende-se, portanto, que esse tipo de leitura

² A retomada do jardim na poesia infantil vem sendo feita por várias poetisas. Destacamos aqui as obras *Jardins*, de Roseana Murray (2017), e *Jardim de Menino Poeta*, de Maria Valéria Rezende (2012).

revela o valor estético do poema e a riqueza de sua construção, o que também pode ser referido pelas ilustrações e pela recepção do leitor infantil em contexto de ensino.

As ilustrações no poema

A obra *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, para além dos poemas, tem como característica marcante a forte presença de ilustrações. Desde o seu lançamento, o livro tem ganhado novas edições, de modo que, embora o texto verbal se mantenha inalterado em todas elas, diferentes ilustradores contribuíram para a criação de obras únicas a cada nova edição. Alguns dos autores que participaram desse projeto foram: Maria Bonomi (1964), Rosa Frisoni (1972), Eleonora Affonso (1977), Fernanda Correia Dias (1987), Beatriz Berman (1989), Thais Linhares (2002) e Odilon Moraes (2012). Cada artista fez sua leitura e ilustrou a seu modo os poemas da autora, permitindo um olhar peculiar para cada edição.

Nesse sentido, Nikolajeva e Scott, ao falarem sobre poemas, sugerem que: “mesmo que tenhamos referências para algumas ilustrações, talvez por ter crescido com elas, o texto não depende de ilustrações para transmitir sua mensagem essencial” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 24). Desse modo, segundo as autoras, a relevância da imagem estaria relacionada mais a uma memória ou a uma identificação do que ao sentido da obra em si. Se pensarmos que os poemas podem ser lidos independentemente das imagens, de modo que o texto visual exerceria uma função mais decorativa, de fato, o posicionamento das autoras faz sentido. No entanto, há diversas situações em que as imagens se colocam como elementos agregadores de novos sentidos, de modo que podem ser parte ativa da construção das imagens poéticas³. Considerando que o poema é um tipo de texto que costuma deixar lacunas e que estas passam a ser preenchidas não apenas mentalmente, mas também a partir da leitura das imagens presentes, percebemos que a ilustração está além de meros enfeites.

O escritor e ilustrador Ricardo Azevedo entende que “palavras são sempre imprecisas” e dá o exemplo: “o texto diz: a moça bonita. O autor pensou numa moça. O leitor noutra moça. O ilustrador, noutra. Outro ilustrador, noutra ainda. Palavras possibilitam várias leituras. A rigor, tantas leituras quanto leitor houver” (Azevedo, 1991,

³ Nos últimos anos, têm surgido cada vez mais estudos voltados para o diálogo texto e imagem em obras literárias voltadas para a infância. No entanto, ainda são poucas as que focam o diálogo com a poesia. Ferreira e Tavares (2021), no artigo “A imagem no livro ilustrado: leitura e classificações”, abordam essa interação palavra-imagem em um poema de José Paulo Paes.

p. 38). Assim, compreendemos que, embora o texto escrito – no caso, aqui, um poema – seja independente e completo em termos de sentido, no momento em que ele recebe uma ilustração, o leitor está diante de linguagens únicas, logo, sua recepção e leitura será diferente.

Em se tratando especificamente da ilustração de poesia, Luís Camargo, também ilustrador e escritor, explica que “trata-se de criar imagens que dialoguem com um texto que potencializa a exploração das virtualidades da linguagem verbal. Quanto mais o texto explora essas potencialidades, voltando-se para si mesmo, maior o desafio para o ilustrador” (Camargo, 1991, p. 12). O que é o caso dos poemas de Cecília Meireles. Vale ressaltar que o que está sendo posto em discussão aqui é um tipo de produção em que há, de fato, um trabalho artístico no qual o ilustrador se coloca também como autor da obra – o que é diferente de agrupar um texto e um desenho que tenham alguma relação temática (ação, normalmente bem-intencionada, comum de se encontrar em livros didáticos e atividades escolares).

Outro aspecto que pode proporcionar uma diferente experiência na leitura da poesia é a sua mudança de formato, a exemplo do poema “O menino azul”. Embora o texto seja o mesmo das edições anteriores, a dinâmica de leitura é outra, pois ele deixa de ocupar uma ou duas páginas e de dividir espaço com diversos outros poemas, e assume *status* de livro, com elementos paratextuais que o caracterizam como tal. Essa diferença de suporte influencia desde a escolha da obra pelo leitor/mediador até a sua abordagem e recepção. Diferentemente da forma como é apresentado no *Ou isto ou aquilo*, esse outro formato lhe confere, por exemplo, uma capa própria, com título, nome da autora, da ilustradora e da editora, além de uma ilustração. Na figura a seguir (Figura 1), vemos um menino sentado no chão, acariciando um burrinho. Parte do corpo do menino é azul, assim como todo o fundo da capa e da contracapa, fazendo alusão ao título do poema.

Figura 1 – Capa de “O Menino Azul”



Fonte: Meireles (2013).

Para compor o livro, o poema foi dividido de modo que cada estrofe ocupa um lado de uma página dupla. Em todas as ilustrações aparecem o menino e o burrinho, no entanto, a cada estrofe/interação, o animal muda sua forma, de acordo com as demandas e desejos do garoto.

Na primeira página dupla (Figura 2), o menino está rodeado de brinquedos e montado em um cavalinho (burrinho) de madeira, que aparece com expressão neutra, diferentemente da criança e de outros dois bonecos presentes na cena, que sorriem. Embora a página seja branca e não traga outros elementos de composição como decoração ou mobília, podemos inferir que a cena se passa no interior de sua casa. A presença do tapete reforça essa ideia.

Figura 2 – Página dupla de “O Menino Azul”



Fonte: Meireles (2013).

Na página dupla seguinte (Figura 3), o menino aparece tomando banho em uma banheira e o burrinho, já com outro formato, lhe serve de boia. A estrofe que acompanha essa imagem é a seguinte: “O menino quer um burrinho / que saiba dizer / o nome dos rios, / das montanhas, das flores, / – de tudo o que aparecer”. Os elementos de fundo são mínimos, no entanto, a ilustradora busca acrescentar algumas sutilezas relacionadas ao poema: os rios representados pelo banho de banheira, além da decoração do banheiro, composta por um papel de parede repleto de flores.

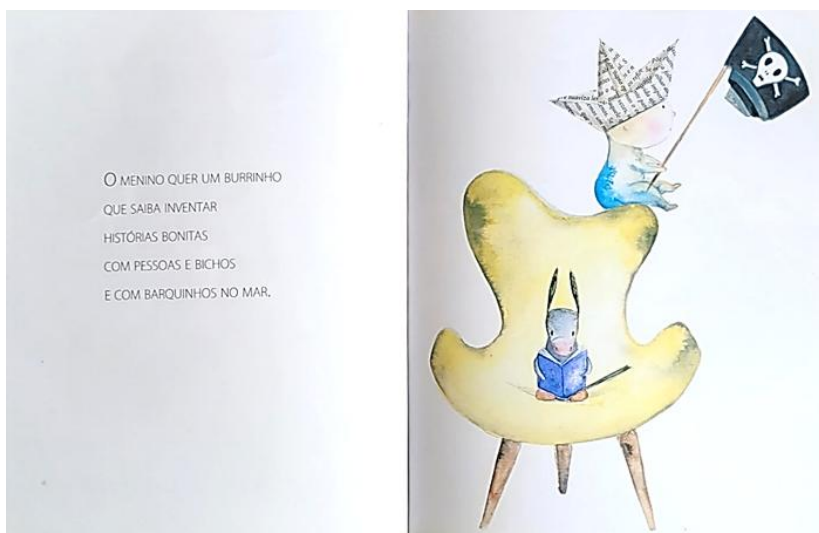
Figura 3 – Página dupla de “O Menino Azul”



Fonte: Meireles (2013).

Na Figura 4, o burrinho aparece lendo para o menino – aqui, o animal está antropomorfo, sentado, segurando um livro – alusão aos versos “que saiba inventar / histórias bonitas”. Nesse momento, o menino, sentado no alto da poltrona, com seu chapéu de jornal e bandeira pirata, parece avistar “barquinhos no mar”.

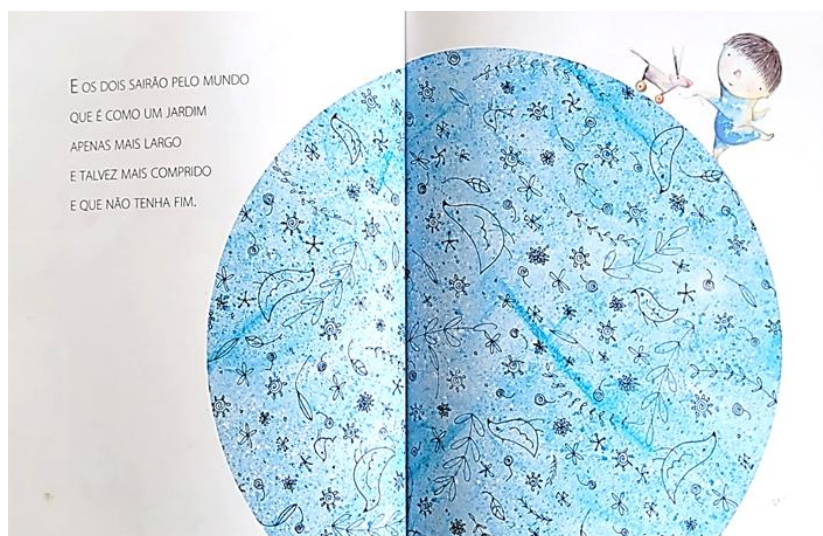
Figura 4 – Página dupla de “O Menino Azul”



Fonte: Meireles (2013).

Já na dupla seguinte, ele passeia puxando o amigo – que aqui é um brinquedo, com rodinhas no lugar das patas (Figura 5). Em uma grande esfera azul, repleta de flores e pássaros, eles passeiam “pelo mundo / que é como um jardim”. A dimensão do globo fica mais evidente pelo espaço que ocupa, projetando-se nas duas páginas.

Figura 5 – Página dupla de “O Menino Azul”



Fonte: Meireles (2013).

Antes da última estrofe, há uma espécie de pausa, marcada pela ausência de texto, um silêncio preenchido por um descampado com mato alto, onde o menino passeia com o burro – que aqui aparece na forma de animal, ainda sendo puxado pelo garoto – e olha admirado para as nuvens no céu. (Figura 6). Essa suspensão da presença de palavras, apesar de não estar marcada no poema, é um recurso que a ilustradora lança mão a fim de estabelecer o encadeamento da narrativa visual.

Figura 6 – Página dupla de “O Menino Azul”



Fonte: Meireles (2013).

A última estrofe do poema aparece junto a um cenário de rua, composto por casas e árvores (Figura 7). De uma das janelas, ao longe, podemos observar que o menino ainda

contempla o céu. O burrinho aparece de um jeito diferente. Ele não é mais brinquedo nem bicho, mas a roupa-fantasia que o menino veste. Agora eles são um só.

Figura 7 – Página dupla de “O Menino Azul”



Fonte: Meireles (2013).

Após o que seria a última página dupla/estrofe, tem-se uma ilustração de uma única página (Figura 8): uma espécie de epílogo, em que o menino aparece no céu, montado em uma nuvem-burrinho. Ele sorri e acena como quem se despede.

Figura 8 – Ilustração final de “O Menino Azul”



Fonte: Meireles (2013).

Todo o percurso das imagens ao longo do livro dá ênfase à fantasia e à imaginação que o texto verbal sugere. Há, portanto, um diálogo em que as ilustrações e o poema ora se complementam, ora se distanciam, e, dessa maneira, formam uma unidade. Assim como no título, a presença da cor azul, predominante nas imagens, colabora para a criação de uma ambientação que favorece a imersão na obra. Segundo Chevalier e Gheerbrant, “o azul desmaterializa tudo o que leva a sua cor. É o caminho do indefinido, onde o real se torna imaginário” (1986, p. 163, tradução nossa).⁴ Assim, entendemos que, tanto no poema quanto nas ilustrações, a escolha pelo azul proporciona um mergulho nesse espaço de fantasia e sonho.

Viajando com “O menino azul”: sugestões para sala de aula

A prática de leitura do poema no contexto escolar vem sendo estimulada há décadas, de modos diversos. Alves analisa a presença do poema em livros didáticos do ensino fundamental, ao longo de várias décadas, destaca que

[h]á problemas relativos à qualidade estética dos textos, à adequação ao leitor a que se destina e, sobretudo, ao modo de abordagem. Embora o problema da adequação do poema escolhido à faixa etária esteja atenuado em coleções mais recentes, ele persiste em muitas outras (Alves, 2020, p. 89).

Esta constatação evidencia que, apesar dos avanços nas pesquisas acadêmicas indicando caminhos menos utilitaristas para o ensino da poesia, desafios significativos ainda persistem. Pensar alternativas é um desafio constante, sobretudo quando se pensa a formação do professor formador de leitores. Alves (2020, p. 103) propõe ainda que um cenário ideal seria aquele em que “os autores, conscientes da especificidade do texto literário, repensassem o modo de abordá-lo”. De certo modo, buscamos aqui uma trilha que foge do pragmatismo presente nos livros didáticos quando trazem poemas para crianças e jovens, propondo caminhos que valorizem a experiência estética e reflexiva.

A perspectiva que adotamos visa “o fortalecimento de práticas de mediação leitora, as quais sejam capazes de desenvolver a sensibilidade, o pensamento crítico e a capacidade de agir com rigor, beleza e ludicidade no interior da escola” (Debus, 2018, p. 15). É nesta perspectiva que sugerimos alguns passos para a abordagem do poema de

⁴“*El azul desmaterializa todo cuanto toma su color. Es camino de lo indefinido, donde lo real se transforma en imaginario*” (Chevalier; Gheerbrant 1986, p. 163).

Cecília Meireles aqui estudado. São sugestões abertas a complementos, a mudança de ordem e mesmo a exclusões, a depender do contexto. Nesse sentido, no artigo denominado “O preço do jumento: recepção de poemas por crianças da escola pública”, Pinheiro (2020) compartilha uma vivência com “O menino azul” em uma escola pública e reflete sobre a sua recepção, tendo em vista o contexto social e cultural daquelas crianças. No relato, é possível observar como os estudantes transpõem a experiência com o animal para sua realidade, ressignificando o poema a partir de seu horizonte de expectativa. Conforme lembra o autor, a recepção do poema provavelmente seria muito diversa num contexto diferente; por exemplo, entre estudantes de classe média/alta ou de grandes centros urbanos.

Para essa abordagem, lançaremos mão da estratégia de leitura chamada “conexão”, que corresponde ao estabelecimento de relações do texto com outros elementos, seja ele de cunho pessoal ou não. Nessa esteira, Giroto e Souza (2010) apontam três tipos de conexão: (1) texto-texto, em que o leitor, durante a leitura, estabelece relações com outro texto, seja do mesmo gênero, seja de gêneros diferentes; (2) texto-leitor, quando o leitor, no ato da leitura, estabelece conexões com situações de sua própria vida, e, por fim; (3) texto-mundo, que são estabelecidas entre o texto lido e algum acontecimento mais global (Giroto; Souza, 2010).

Pensando em estimular essas conexões, sugerimos iniciar o encontro com a leitura de um outro poema, podendo ser ou não da mesma autora. Selecionamos para esta proposta “A língua do nhem” (Quadro 2), que também está no livro *Ou isto ou aquilo*.

Pode-se, após a leitura do poema, propor uma discussão com os alunos sobre os animais que aparecem ali, quais eles têm ou já tiveram em casa. Em seguida, o mediador pode lançar a pergunta: se você fosse fazer uma viagem, que animal levaria junto? E, em seguida, o que fariam juntos nessa viagem? Algumas respostas podem ser registradas no quadro. Essas perguntas favorecem o estabelecimento de conexões diversas, sobretudo, a conexão texto-leitor, que estimula o diálogo com suas próprias experiências.

Figura 9 – Poema “A língua do nhem”

A LÍNGUA DO NHEM	
Havia uma velhinha que andava aborrecida pois dava a sua vida para falar com alguém.	Depois veio o cachorro da casa da vizinha, pato, cabra e galinha de cá, de lá, de além,
E estava sempre em casa a boa velhinha, resmungando sozinha:	e todos aprenderam a falar noite e dia naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...	nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...
O gato que dormia no canto da cozinha escutando a velhinha, princípios também	De modo que a velhinha que muito padecia por não ter companhia nem falar com ninguém,
a miar nessa língua e se ela resmungava, o gatinho a acompanhava:	ficou toda contente, pois mal a boca abria tudo lhe respondia:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...	nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Fonte: Meireles (2013).

Após esse momento de partilha de experiências e ideias, sugerimos que sejam entregues aos alunos folhas impressas ou que seja realizada a projeção do poema “O Menino Azul” para que acompanhem a leitura em voz alta pelo mediador. Em seguida, pode-se solicitar aos alunos que leiam em voz alta – cada um, uma estrofe (se necessário, realizar mais de uma rodada de leitura). Nesse momento, pode ser apresentado o poema de alguma edição do *Ou isto ou aquilo*. Aqui, optamos pela edição de 2012, ilustrada por Odilon Moraes.

Figura 10 – Poema “O Menino Azul” com ilustração de Odilon Moraes



Fonte: Meireles (2012).

Em seguida, perguntar aos estudantes se algum deles pensou em um burrinho como companheiro de viagem (nesse momento, pode-se voltar às respostas registradas no quadro), e o que acharam da ideia do menino eu-lírico. Outras perguntas podem ser feitas: por que será que ele escolheu o burrinho? Com o bicho de sua escolha, que aventuras vocês fariam? É interessante que as crianças sejam estimuladas a comentar a imagem ali presente, na qual aparecem duas crianças que brincam em um barco aparentemente ancorado no chão: quem aparece na imagem? Há um burrinho de verdade? Que atividade está sendo realizada? O barco está mesmo na água? Essas observações permitem que os leitores tomem consciência da existência de um outro texto além do verbal, em diálogo com ele.

Para uma próxima leitura do poema, sugerimos a mudança de suporte: dessa vez, utilizando o livro “O menino azul”, com ilustrações de Elma. Assim, não seria mais o poema parte do *Ou isto ou aquilo*, mas uma obra totalmente dedicada a ele – embora o texto seja o mesmo. Pode-se, com isso, reforçar aos alunos que a leitura e as conexões que eles fazem não correspondem apenas ao léxico da construção poética, mas também aos sentidos que o poema como um todo suscita: a partir da apreensão conjunta do texto, das ilustrações e da própria materialidade da obra e de seu projeto gráfico.

Sabemos que o suporte é capaz de impactar significativamente no momento de recepção leitora, pois as percepções podem variar de acordo com o que é ofertado ao leitor. Dessa forma, com esse novo suporte, o passar de páginas traz novas e inusitadas situações daquele menino já conhecido pelos alunos. Seguindo as análises realizadas nos tópicos anteriores, podem ser feitas perguntas relacionadas às ilustrações e ao texto: “vocês acham que esse burrinho é real? Por quê?”; “em que objetos ele se transformou?”; “será que o menino se sente só?”; “por que ele queria um burrinho que soubesse ler?”.

Pode-se sugerir, após a leitura e a partir das ideias surgidas do diálogo com as crianças e do percurso do poema, a elaboração de um jogo dramático⁵. A turma pode, por exemplo, escolher, entre eles, um narrador para contar a história ou resolver que uma das crianças (menino ou menina) pode fazer o papel do protagonista e declarar que está procurando um burrinho. Imaginar, por exemplo, o encontro do menino (ou da menina) com o burrinho; como seria feito o convite para realizarem a viagem e as possíveis

⁵ Sobre jogo dramático, Pinheiro (2018, p. 82) retoma Slade (1978), que considera o jogo dramático infantil como “uma forma de arte por direito próprio, não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o componente real dos seres humanos”. Por sua vez, Ryngaert entende que “o jogo dramático é uma atividade coletiva. O grupo é o lugar onde o indivíduo se elabora ‘para si’ e com os outros”.

respostas dele. A seguir, delimitar os percursos possíveis dos viajantes: “Primeiro, pelos rios? A seguir, pelas montanhas?”; “O que pode ser falado em cada lugar destes?”; “Que outros personagens poderão ser encontrados nesta aventura?”; “Será que um cachorro ou gato poderiam auxiliar na percepção de algum perigo?”. Há também a possibilidade de retomada do poema “A língua do nhém” (conexão texto-texto): será que a velhinha solitária gostaria de se juntar a essa aventura?

A experiência do jogo dramático pode ser repetida por mais de um grupo, cada um buscando falas específicas, situações novas e até novos personagens. Caso alguns não queiram participar do jogo dramático, outras sugestões de vivências e recriações do poema podem ser sugeridos. Por exemplo, a reprodução em desenho de alguma situação que não foi trazida nas ilustrações de Odilon Moraes e de Elma. Ou até a criação de uma nova cena que pode, inclusive, ser representada pela turma que está executando o jogo dramático.

Não se deve perder de vista a realização oral do poema. Pode-se, por exemplo, repetir o refrão de “A língua do nhém” de diferentes modos e entonações, buscando envolver toda a turma. De modo semelhante, em “O menino azul”, pode-se estimular a leitura mais expressiva de determinadas palavras, como, por exemplo, “manso” e “pule”, que se abrem para diversas realizações. Sobre a importância da leitura oral, Pinheiro (2015, p. 292) afirma que: “A experiência cotidiana de leitura de poesia comprova que o ritmo, o valor expressivo de determinadas palavras, a altura, a entonação são decisivos”. Tais elementos não são, portanto, meros acessórios, mas componentes fundamentais, capazes de transformar significativamente sua recepção. Assim, a leitura em voz alta é compreendida não apenas como uma prática recomendável, mas como uma ferramenta transformadora da experiência com o poema.

É importante destacar que, embora tenha sido selecionada uma estratégia de leitura específica para esta atividade, é possível perceber o uso de outras que não foram enfatizadas e especificadas, mas que se fazem presentes durante a interação com os alunos. As estratégias denominadas “Inferência” e “Visualização” (Giotto; Souza, 2010), por exemplo, também podem ser percebidas no desenrolar da proposta. Assim, cabe ao mediador decidir, de acordo com sua necessidade e de sua turma, quais caminhos tomar e, conseqüentemente, quais estratégias enfatizar no ato da leitura.

Considerações finais

Os vários caminhos de leitura e de mediação do poema no contexto escolar pressupõem, sempre, uma vivência mais demorada com os poemas. Essa vivência favorece a abertura para diferentes percepções que podem ser estimuladas, caso o leitor em formação não atente para determinadas sutilezas da linguagem poética: sonoridades, imagens, percepções sensoriais e ritmo. Há, em alguns casos, como o do poema trabalhado aqui, o viés do diálogo texto e imagens, que necessita ser estimulado, uma vez que fornece elementos que ampliam nossas percepções. O mediador que não mergulhou minimamente nestas diferentes dimensões do texto terá dificuldades de envolver os leitores, de contribuir com o crescimento de cada um. Daí, portanto, a importância da formação acadêmica, que, aliada a uma formação metodológica pautada no estímulo ao diálogo texto-imagem-suporte, pode contribuir de maneira decisiva para a formação de leitores.

Foi este percurso que buscamos seguir neste artigo: mergulhar nas imagens e na construção do poema, atentar para inferências que ele nos oportuniza, acompanhar o modo como a ilustração foi construída para chegarmos a sugestões metodológicas que contribuam para que leitores vivenciem a poesia e se sintam atraídos por ela.

Assim, compreendemos que não basta ser um grande analista, grande crítico ou notável leitor de poemas, se, no contexto escolar, não soubermos criar um ambiente de diálogo, que favoreça a aproximação do poema com a própria vida; acionando a imaginação, bem como apontando incompreensões, superinterpretações etc. – aqui, o uso de alguma estratégia de leitura (como a conexão) pode ajudar significativamente nessa aproximação, uma vez que tal estratégia permite não apenas a busca por interrelações entre textos, mas também entre o poema e as próprias vivências do leitor.

A sala de aula que comporta a leitura de poesia não é, a nosso ver, o lugar de aulas meramente expositivas sobre forma, tipos de versos, apreensão de saberes técnicos sobre o poema. No entanto, sabemos que, se as leituras forem minimamente constantes, muitos destes saberes técnicos vão sendo assimilados com naturalidade, assim como os efeitos estéticos que favorecem. Repitamos: o ponto de partida e de chegada deverá ser, sempre, o encontro com o poema, uma certa empatia que possa contribuir para que o texto tenha um sentido, de fato, para o leitor.

Em importante depoimento sobre sua vivência com a poesia desde a infância, o poeta José Paulo Paes (1996) nos lembra que “há na poesia um inato poder de sedução. Graças a ele é que podemos intuitivamente chegar a entendê-la e apreciá-la. [...]. Basta apenas que a deixemos exercer seu fascínio sobre nós” (Paes, 1996, p. 28-29).

Referências

- ALVES, José Hélder Pinheiro. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora e DIONISIO, Ângela Paiva (org). **Livro didático de português: múltiplos olhares**. Campina Grande: EDUFC, 2020. Disponível em: <https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/148>. Acesso em: 12 maio 2024.
- ALVES, José Hélder Pinheiro. **O preço do jumento: poesia em contexto de ensino**. Campina Grande: EDUFC, 2020. Disponível em: <https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/>. Acesso em: 20 maio 2024.
- AZEVEDO, Ricardo. Pensando em ilustrações de livros. **Revista Releitura**, n. 0, Belo Horizonte, ago./set., 1991.
- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CAMARGO, Luís. Projeto gráfico e ilustração para crianças. **Revista Releitura**, Belo Horizonte, agosto/setembro de 1991.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder. 1986.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.
- DEBUS, Eliane; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita. Educação poética para a infância e juventude: o que temos (ainda) a dizer? In: DEBUS, Eliane; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita. **Poesia (cabe) na escola: por uma educação poética**. Campina Grande: EDUFCG, 2018.
- FERREIRA, Anália Adriana da Silva; TAVARES, Márcia. A imagem no livro ilustrado: leitura e classificações. In: TAVARES, Márcia.; SEGABINAZI, Daniela Maria.; SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Modos e meios de ler a literatura infantil e juvenil contemporânea**. Campina Grande: EDUFCG, 2021.
- GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: MENIN, Ana Maria da Costa Santos; GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões; ARENA, Dagoberto Buim; SOUZA, Renata Junqueira de. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2010.
- MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Global, 2012.
- MEIRELES, Cecília. **O menino azul**. Ilustrações de Elma. 3. ed. São Paulo: Global, 2013.

MEIRELES, Cecília. *O menino azul*. Ilustrações de Lúcia Hiratsuka. São Paulo: Global, 2004.

NIKOLAJEVA, Maria.; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PAES, José Paulo. **Poesia para crianças**. São Paulo: Editora Giordano, 1996.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Editora Parábola, 2018.

Recebido em: 08/05//2024

Aprovado para publicação em: 27/01/2025